

NOVA LIMA, MG, 9 DE AGOSTO DE 2001

Meu caro Governador Eduardo Azeredo; Cardeal Dom Serafim Fernandes de Araújo, que, hoje, me comoveu, que me chamou de amigo. Nada mais agradável aos ouvidos de um Presidente do que ouvir de um homem como Dom Serafim essa expressão singela e fraterna. Muito obrigado, Dom Serafim. Senhor Presidente da Câmara, Deputado Aécio Neves; Senhores Ministros de Estado; Senhores Senadores Francelino Pereira e Arlindo Porto; Senhores Deputados; Senhor Prefeito de Nova Lima, Vitor Penido de Barros; nosso Presidente Emerson de Almeida; nosso emérito patrocinador, Dom Aloysio Faria; Senhoras e Senhores,

Dom Serafim disse da emoção dele, e, aliás, não foi o único, também o Emerson de Almeida, de estar aqui, hoje, nesta solenidade. Para mim, além de tudo, é um prazer. Primeiro, porque me dá mais uma oportunidade de visitar Minas Gerais, que é uma razão, para mim, de muita satisfação. Como sempre, faz sentir orgulho de ver Minas Gerais, hoje, não apenas um estado vibrante do ponto de vista econômico, mas um estado que tem um lugar de vanguarda na formação dos brasileiros e no desenvolvimento do conhecimento. A prova disso é a Fundação

Dom Cabral. A prova disso é este extraordinário Centro Internacional de Tecnologia e Gestão que está acoplado à Fundação Dom Cabral e que mostra o quanto o Estado de Minas tem contribuído, e certamente continuará contribuindo, para uma modernização adequada do Brasil.

Essa expressão, tecnologia da gestão, que se usa aqui, é uma boa expressão. Há muito tempo, a atividade empresarial deixou de ser improvisação, como uma quase aventura, dependendo do talento de alguns indivíduos. Hoje, é muito mais, é algo que é preciso ser aprendido, que precisa ser transmitido. Existe uma codificação de técnicas. É preciso que isso tudo seja assimilado de uma maneira sistemática. E é o que faz aqui a Fundação Dom Cabral, mostrando assim que temos capacidade de gestão e capacidade, portanto, de, ao modernizarmos, não perder a noção do que é essencial: que o mundo de hoje depende, fundamentalmente, de informação e de conhecimento. Toda gente sabe disso. Toda gente sabe que entre os muitos desafios que nós estamos enfrentando – e aqui muitos deles já foram mencionados – está o de absorvermos uma nova mentalidade baseada no conhecimento, na informação, na capacidade de organização e de gerir. O que hoje conta é muito mais isto do que propriamente o aspecto material da produção.

Eu diria que este desafio, hoje, é um desafio enorme, porque ele alcança o setor privado, mas alcança também o setor público. O Estado também precisa implantar, como estamos tentando, modelos novos de gestão, que têm que ser também baseados, como no caso do setor privado e como na sociedade civil em geral, nas organizações não-governamentais, em todas as organizações da sociedade moderna, baseados na transparência e naquilo que se chama – a expressão em inglês é melhor que em português – *accountability*, prestar contas, dar contas ao conjunto da sociedade. Este é o desafio fundamental que alcança todos nós.

No caso das empresas, é uma questão de sobrevivência. Na verdade, estamos hoje, queiramos ou não, num mundo – aqui já referido – em que até pelo próprio desenvolvimento tecnológico existe a necessidade não apenas de estarmos em contato uns com os outros, mas num contato que é competitivo, e que, portanto, requer, crescentemente, informação e conhecimento para que possamos, efetivamente, aumentar a

eficiência na produção e atingir a qualidade do produto. Hoje, transformou-se quase em linguagem cotidiana. Nos jornais, todos os dias, “economia da informação”, “economia do conhecimento” são expressões que sintetizam esse processo. Por trás dele, estamos sentindo aí que existe uma transformação muito profunda que alcançou o mundo todo e que se costuma chamar “globalização”, à falta de melhor termo para caracterizá-la, mas que tem a ver com muitas transformações simultâneas. Talvez essas transformações sejam mais sensíveis no próprio setor produtivo, quando se passa de uma idéia de produção, digamos, baseada nas cadeias de produção, no fordismo, para uma visão de uma produção mais flexível, pós-fordista. E agora, muito mais do que isso, para a introdução da idéia de redes.

Tenho um grande amigo, espanhol, professor hoje em Berkeley, que se chama Manuel Castells. Foi, talvez, a pessoa que melhor sintetizou o que acontece no mundo contemporâneo, na chamada sociedade da informação. Escreveu vários volumes importantes sobre esse novo mundo. E nesses volumes ele vulgariza, senão que introduz, a noção de redes. Nós todos, na verdade, hoje em dia, estamos conectados. E temos que estar conectados. O setor público com o setor privado, o setor privado entre si, os países pelo mundo afora. Tudo isso levando a que as fronteiras percam o sentido que tiveram antigamente. E nós temos que estar permanentemente sendo permeáveis, através dessas novas tecnologias de informação e de comunicação. Há processos que são muito mais amplos do que aqueles aos quais nós estávamos acostumados.

Essa globalização, na verdade, está sendo movida não apenas por essa transformação tecnológica da Internet, dos computadores, dos meios de comunicação, dos meios de transporte mais rápidos, mas pelo fato de que houve uma internacionalização, sem precedentes, das finanças. As finanças internacionais passaram a funcionar também em rede e numa velocidade tremenda. E colocam um desafio enorme para todos nós, e muito especialmente para o nosso país.

Vi aqui, há pouco, que havia uma espécie de disputa – eu nem diria subliminar – aberta, de cores. Não quero entrar na discussão das cores mineiras, eu as respeito todas. Mas aqui tenho que falar pela cor branca,

azul, verde e amarela, que é a minha cor. E essa minha cor me impõe responsabilidades imensas.

Ainda bem que, há pouco, o nosso Presidente da Fundação citou Fernando Pessoa. Porque Fernando Pessoa, sabidamente, tem heterônimos. E o Presidente da República tem que ser um pouco, aprender um pouco com Fernando Pessoa e ter capacidade de atuar em muitas dimensões. Tem que ter, também, essa heteronomia. Tem que ser, ao mesmo tempo, um aluno para aprender como estou aprendendo aqui hoje. Tem que ser alguém capaz de ser didático e ensinar. Tem que ser alguém capaz de ser, em certos momentos, ríspido em comandar. Tem que ser alguém capaz de convencer. Enfim, tem que ter uma capacidade de ter várias peles.

Mas ainda assim, ainda que seja um requisito para o exercício da liderança no mundo moderno, exatamente porque nós estamos num mundo que nos vincula a níveis muito diferentes de demanda, que não são só dentro das nossas fronteiras, mas de fora das nossas fronteiras, é que temos que verificar de que forma nós estamos nos preparando para enfrentar esses desafios todos.

E aqui, se é verdade que se mencionou, como mencionei e outros mencionaram, a importância dessas conexões, a importância da gestão, a importância dos processos produtivos, dos fundamentos, de sua transformação, eu acho que Dom Serafim aqui foi muito feliz ao mencionar a palavra solidariedade. Por quê? Porque isso mostra também que, ao mesmo tempo em que nós temos que estar muito abertos à absorção dessas novas tecnologias e muito conscientes das várias dimensões nas quais temos que atuar e das implicações da internacionalização, das implicações da globalização, temos que ser também capazes de entender os limites de tudo isso e a necessidade de se manter sempre muito viva a idéia da coesão social. Essa idéia da coesão social pode ser referida de várias formas. Aqui, foi referida em mais de uma oportunidade.

O fato de nós estarmos assimilando, crescentemente, e de nós termos, nesse processo de assimilação, tido o apoio crescente de organizações, como as duas patrocinadoras aqui já mencionadas, não pode dei-

xar de lado o outro fato, que é o fato de que tudo isso só terá sentido se nós criarmos também uma nova sociedade.

A globalização, a internacionalização, o mundo em rede, tudo isso altera as relações sociais. Altera profundamente. Talvez nós não tenhamos ainda consciência do quanto essas alterações são profundas, mas, se nos recordarmos o que aconteceu com a descoberta da máquina a vapor e com as transformações que isso produziu – as transformações produzidas na sociedade, a criação de novas classes, a criação de novas dimensões políticas, a criação de novas utopias –, talvez encontremos o paralelo para ver qual é o desafio que nós temos hoje.

Essas transformações básicas que estão ocorrendo, estão a desafiar-nos, também, na invenção de uma nova sociedade. E a invenção de uma nova sociedade tem que introduzir esse elemento de coesão social. No caso de um país como o nosso, no momento em que estamos apoiando, como estamos todos nós aqui, a absorção dessas tecnologias de gestão, e que nós sabemos que a eficiência, a racionalidade e a competição são, realmente, fundamentais no mundo atual, não podemos desconhecer que também temos que absorver e introduzir, nas nossas práticas e na nossa visão, a dimensão dessa nova sociedade.

Falar em nova sociedade num país como o Brasil, em termos práticos, significa, basicamente, concentrar imensos esforços em educação, em saúde, em acesso ao trabalho. Se não olharmos o conjunto da sociedade; se olharmos apenas os aspectos modernizadores nos quais certamente estamos lançados e continuaremos a estar, poderemos perder de vista o objetivo estratégico, central, que é o de fazer uma nova sociedade que implique talvez até mesmo o aperfeiçoamento das formas de humanidade. Uma dimensão humana mais solidária. Não é fácil.

Mas essas novas formas de gestão são precisamente as que permitem vislumbrar a nova sociedade também. Porque é muito comum falar-se – nós todos falamos e devemos falar – de pobreza e desigualdade, de falta de acesso e de exclusão. Mas é mais difícil fazer-se o caminho para acabar com a pobreza, a desigualdade, a falta de acesso e a exclusão. Sem a competência, a eficiência, a capacidade de gestão, não se faz isso. Se não houver, portanto, esse casamento entre esses dois espíritos que,

no fundo, são o mesmo espírito do ser humano, o espírito de aprimoramento, de inventividade, de competição, mas também de coesão, de solidariedade, de reconhecimento do outro; se não houver esse caminho conjunto, não se avança. É por isso que me entusiasma ver o que está acontecendo no nosso país.

Quando o Prefeito de Nova Lima descreveu sua cidade, quando disse que, aqui, as crianças estão na escola, nada melhor, Governador Eduardo Azeredo, do que isso, nada melhor do que saber, como me faz ver sempre o Ministro Paulo Renato, e eu repito sempre, que nós já conseguimos ter 97% das nossas crianças nas escolas. Ainda falta um pouquinho. E isso não é fácil: 97% das crianças nas escolas significa que nós temos, hoje, no Brasil, 36 milhões de crianças na escola básica. Isso significa que nós temos que chegar aos 100%. Isso significa que desses 97% de crianças que estão na escola básica, nem todas elas têm capacidade de absorver, porque nem todas têm as condições de nutrição, de saúde, porque as mães já não tiveram isso. Significa que nem todos os professores são capazes, sequer, de ensinar e que, portanto, têm que se aperfeiçoar mais. Por isso mesmo, estamos absolutamente lançados nesses programas, como o Programa Bolsa-Escola, que é uma nova revolução silenciosa no que está acontecendo no combate à pobreza e na abertura de novos horizontes no Brasil.

Espero que, até o fim do ano, nós tenhamos atingido 11 milhões de crianças, 6 milhões de famílias. Seis milhões de famílias vão corresponder, portanto, a 30% de todas as crianças que estão nas escolas. Vão ter uma bolsa, as mais pobres.

Não sei a quanto já chegamos até agora. Cerca de 1 milhão de famílias, 2 milhões de crianças. Mas nós vamos, até o fim do ano, alcançar o conjunto dessa população.

Esse é o caminho prático para acabar com a exclusão. Esse é o caminho prático de acabar com a pobreza, porque todos os indicadores mostram que a maneira mais eficaz de produzir uma modificação em termos de renda é aumentando a escolaridade. O dramático nesse mundo competitivo no qual nós todos estamos imersos, nesse mundo de alta tecnologia, é que esse é um mundo em que a exclusão do saber é

automaticamente a exclusão da renda, é a exclusão até, às vezes, em termos práticos, da convivência social. É, portanto, por aí que nós temos que combater, com mais força, a pobreza e a exclusão.

É preciso também ter consciência de que esse combate à pobreza não se faz só pela educação. Há de se fazer, também, pela expansão da oferta de emprego e há de se fazer, quando necessário, até mesmo por transformações estruturais.

E me apraz dizer que nós pudemos fazer, Dom Serafim, em cinco anos, mais do que o Brasil fez em toda a sua história em matéria de acesso à propriedade. Nós assentamos na terra 500 mil famílias em cinco anos. Isto é modificação estrutural. Os efeitos disso vão se fazer sentir nas próximas décadas, na medida em que, juntamente com o acesso à terra, haverá também o acesso à escola. Está havendo o acesso à escola nos assentamentos. Portanto, com o tempo se modificará, mais e mais, esse sentimento de exclusão.

Dir-se-á, e com razão, que permanece a desigualdade. É verdade. Mas é preciso não confundir desigualdade com pobreza. São coisas diferentes. A luta principal, no Brasil, é contra a pobreza, para que tenhamos essa dimensão humana, para que tenhamos a nova sociedade.

Um país africano, provavelmente, tem um nível de desigualdade menor que o Brasil, porque todos são pobres. E o nível de desigualdade é o que mede a diferença entre pobres e ricos. Quando todos são pobres, o nível de desigualdade é menor.

Os Estados Unidos e a Inglaterra estão com a desigualdade aumentando, porque estão enriquecendo muito depressa. É preciso não confundir os conceitos. É bom acabar com a desigualdade, diminuir a desigualdade, se possível, mas o fundamental é acabar com a pobreza. E não é uma boa resposta quando se diz: houve avanço na pobreza. E dizer: mas aumentou a desigualdade. São processos distintos. E a pessoa que está na exclusão precisa é ser incluída para, depois, se possível, além de ser incluída, com outras medidas tentar diminuir o grau de desigualdade.

Esses são os nossos desafios. Não vamos avançar nesses desafios se não contarmos com a solidariedade das empresas, dos que são competentes,

dos que são capazes de gestão, dos que são capazes de avaliar programas, dos que são capazes, portanto, de fazer com que a inovação e a prestação permanente de contas, a avaliação dos programas, possam ser prática cotidiana no Brasil. É o que nós estamos tentando fazer neste país há algum tempo. E estamos, progressivamente, conseguindo.

Práticas de avaliação. Avaliação nos programas, nas faculdades, avaliação nos programas da entrada nos colégios, o chamado Enem – Exame Nacional do Ensino Médio, avaliação dos programas de saúde, abertura da sociedade a esses programas. O programa mais importante que nós temos de combate à mortalidade infantil é o da Pastoral da Criança, ligado à Igreja Católica, com forte apoio do Ministério da Saúde. É a mobilização da sociedade, mas não apenas a mobilização, senão os métodos certos e os modos de avaliação para que se possa criar os caminhos que levem, efetivamente, a acabar com a exclusão, a reduzir a pobreza e a diminuir a desigualdade.

Sem esses métodos próprios, sem esse caminho, sem a mente esclarecida, capaz de, efetivamente, alcançar esses resultados, o grito contra a pobreza, o grito contra a exclusão morrem na garganta. E quando ele é muito sentido, muitas vezes, não deixa de ser frustrante também, porque se torna retórico, se não houver capacidade efetiva do caminho prático das transformações. Requer muito mais do que só indignação, mas não dispensa, certamente, a indignação porque é inaceitável que nós possamos ter, num país como o nosso, que já tem condições de ser mais igualitário, um nível tão elevado de exclusão e um nível tão elevado ainda de pobreza.

Porque nós já temos condições de avançar mais depressa é que essa indignação é necessária. E o saber pertinente, o saber específico para avançar mais é indispensável também.

É assim que eu vejo a Fundação Dom Cabral. É assim que eu a vejo como alguma coisa que é essencial, não apenas em termos de conhecimento, mas em termos de transformação da sociedade, em termos da capacitação das pessoas para que possam, efetivamente, realizarem-se melhor e, ao se realizarem melhor, não perderem de vista os objetivos mais gerais que dizem respeito à criação dessa nova sociedade.

Eu queria, portanto, ao finalizar as minhas palavras – para não cansá-los, depois de tantas e tão estimulantes considerações já feitas aqui –, dizer que continuo acreditando, e crescentemente, na nossa capacidade de brasileiros, de abertos ao mundo, mas defendendo os nossos interesses específicos para continuarmos a transformar nosso país.

Eu sei, e aqui foi referido, que freqüentemente somos perturbados por processos duros de serem assimilados. Essa mesma internacionalização, sobretudo a do sistema financeiro, provoca situações muito desafiadoras e cria um mundo, que já foi dito aqui, que é um mundo de transformação quase perene. É verdade que de tempos em tempos se volta a essa idéia. Quando eu era um jovem estudante de sociologia, já era moda dizer planejamento para mudança, o desafio da mudança. Isso é inerente ao ser humano, a idéia de que estamos mudando, de que há crises, de que há desafios. E a crise não nos deve assustar, a menos que nós não estejamos preparados para ela. E é por isso que a existência dessas fundações, como essa aqui, é importante porque nos prepara mais para enfrentar as dificuldades. O mundo é áspero, muitas vezes – nem sempre, nem todo o tempo –, mas é áspero. E não adianta, simplesmente, lastimarmos as asperezas da vida. É preciso a fé, a convicção e o saber para que possamos, a despeito das dificuldades, das ameaças, das crises, avançar, e avançar cada vez mais.

Ainda agora, neste momento do Brasil, outra vez estamos enfrentando algumas dificuldades. Algumas nossas, outras externas. Não adianta fazermos o balanço se é interna ou externa. No mundo de hoje, tudo é mais ou menos interno e é externo, é tudo muito interligado. O balanço que temos que fazer é da nossa capacidade de reação. E ninguém é capaz de reagir se não tiver uma estratégia, um objetivo. Se não tiver um objetivo, não adianta, se perde, nenhum caminho leva a nada. Havendo objetivo, pode-se tentar construir o caminho. Havendo sabedoria, havendo competência se constrói o caminho. Essa é a grande diferença do Brasil de hoje: ele tem objetivos. Todos nós, em tons diversos, dissemos a mesma coisa: nós queremos mais eficiência, mas queremos mais amor; nós queremos mais competição, mas queremos mais coesão. Sabemos, a despeito de todas as diversida-

des, que temos que contar é conosco. Há que aumentar a nossa auto-estima. Há que, cada vez mais, acreditar em nós próprios, não com arrogância, mas abrindo-nos aos que mais sabem, como faz essa Fundação, pedindo apoio à França, aos Estados Unidos e a quem mais seja, mas tendo a convicção de que nós vamos superar as dificuldades.

Volto a Brasília, portanto, satisfeito. Satisfeito por ter revisto meus amigos mineiros. Aqui, alguns que estão à mesa e na sala e são pessoas com as quais convivo há dezenas de anos – não o Aécio, que é “criança”, mas até ele –, são dezenas de anos. Volto para Brasília realmente feliz, contente, por ver que a Universidade Católica foi capaz de dar margem à criação da Fundação Dom Cabral e que faz, agora, este centro de gestão internacional. Que a sociedade civil, os empresários apoiem essa organização, e o Governo não tem outra coisa a fazer, senão, neste caso, aprender. E, se possível, estimular aqueles que têm colaborado e apoiado essa Fundação. E mais modestamente pedir a alguns Ministros, que são ricos, nas suas pastas respectivas, que não se esqueçam da Fundação Dom Cabral.

Muito obrigado.